

TEXTO GERADOR I – Capítulo I do livro *Casa de Pensão*, de Aluísio Azevedo

Seriam onze horas da manhã.

O Campos, segundo o costume, acabava de descer do almoço e, a pena atrás da orelha, o lenço por dentro do colarinho, dispunha-se a prosseguir no trabalho interrompido pouco antes. Entrou no seu escritório e foi sentar-se à secretária.

Defronte dele, com uma gravidade oficial, empilhavam-se grandes livros de escrituração mercantil. Ao lado, uma prensa de copiar, um copo de água, sujo de pó, e um pincel chato; mais adiante, sobre um mocho de madeira preta, muito alto, via-se o Diário deitado de costas e aberto de par em par.

Tratava-se de fazer a correspondência para o Norte. Mal, porém, dava começo a uma nova carta, lançando cuidadosamente no papel a sua bonita letra, desenhada e grande, quando foi interrompido por um rapaz, que da porta do escritório lhe perguntou se podia falar com o Sr. Luís Batista de Campos.

— Tenha bondade de entrar, disse este.

O rapaz aproximou-se das grades de cedro polido que o separavam do comerciante.

Era de vinte anos, tipo do Norte, franzino, amorenado, pescoço estreito, cabelos crespos e olhos vivos e penetrantes se bem que alterados por um leve estrabismo.

Vestia casimira clara, tinha um alfinete de esmeralda na camisa, um brilhante na mão esquerda e uma grossa cadeia de ouro sobre o ventre. Os pés, coagidos em apertados sapatinhos de verniz, desapareciam-lhe casquilhamente nas amplas bainhas da calça.

— Que deseja o senhor? – perguntou o Campos, metendo de novo a pena atrás da orelha e pousando um pedaço de papel mata-borrão sobre o trabalho.

O moço avançou dois passos, com ar muito acanhado, o chapéu de pelo seguro por ambas as mãos, a bengala debaixo do braço.

— Desejo entregar esta carta – disse, cada vez mais atrapalhado com o seu chapéu e a sua bengala, sem conseguir tirar da algibeira um grosso maço de papéis que levava.

Não havia onde pôr o maldito chapéu, e a bengala tinha-lhe já caído no chão, quando Campos foi em seu socorro.

— Cheguei hoje do Maranhão – acrescentou o provinciano, sacando as cartas finalmente.

As últimas palavras do moço pareciam interessar deveras o negociante, porque este, logo que as ouviu, passou a considerá-lo da cabeça aos pés, e exclamou depois:

— Ora espere... O senhor é o Amâncio! (...)

[TRECHO REMOVIDO]

TEXTO GERADOR II – Capítulo II do livro *Casa de Pensão*, de Aluísio Azevedo

(...) Amâncio fora muito mal-educado pelo pai, português antigo e austero, desses que confundem o respeito com o terror. Em pequeno levou muita bordoadas; tinha um medo horroroso de Vasconcelos; fugia dele como de um inimigo, e ficava todo frio e a tremer quando lhe ouvia a voz ou lhe sentia os passos. Se acaso algumas vezes se mostrava dócil e amoroso, era sempre por conveniência: habituou-se a fingir desde esse tempo.

Sua mãe, D. Ângela, uma santa de cabelos brancos e rosto de moço, não raro se voltava contra o marido e apadrinhava o filho. Amâncio agarrava-se-lhe às saias fora de si, sufocado de soluços.

Aos sete anos entrou para a escola. Que horror!

O mestre, um tal de Antônio Pires, homem grosseiro, bruto, de cabelo duro e olhos de touro, batia nas crianças por gosto, por um hábito de ofício. Na aula só falava a berrar, como se dirigisse uma boiada. Tinha as mãos grossas, a voz áspera, a catadura selvagem; e quando metia para dentro um pouco mais de vinho, ficava pior.

Amâncio, já na Corte, só de pensar no bruto, ainda sentia os calafrios dos outros tempos, e com eles vagos desejos de vingança. Um malquerer doentio invadia-lhe o coração, sempre que se lembrava do mestre e do pai. Envolveria-os no mesmo ressentimento, no mesmo ódio surdo e inconfessável. (...)

Todavia, esses pequenos episódios da infância, tão insignificantes na aparência, decretaram a direção que devia tomar o caráter de Amâncio. Desde logo habituou-se a fazer uma falsa idéia de seus semelhantes; julgou os homens por seu pai, seu professor e seus discípulos. — E abominou-os. Principiou a aborrecê-los secretamente, por uma fatalidade de ressentimento; principiou a desconfiar de todos, a prevenir-se contra tudo, a disfarçar, a fingir que era o que exigiam brutalmente que ele fosse.

[TRECHO REMOVIDO]

TEXTO GERADOR III

Raízes orgânicas e sociais da violência urbana (Drauzio Varella)

(...) **A violência das crianças** – Sem menosprezar a influência do meio, é inegável que a tendência a reagir de forma violenta diante de uma situação adversa varia de uma criança para outra, sugerindo raízes pré-natais. Segundo a *Science*, os pesquisadores atuais procuram entender a violência como expressão final de um conjunto de fatores de risco. Entre eles, estaria incluída uma vulnerabilidade biológica, genética ou desenvolvida na fase pré-natal, trazida à superfície ou reforçada pelo meio social.

Crianças cronicamente violentas frequentemente apresentam comportamento hiperativo, dificuldade de concentração na escola, ansiedade, confusão mental, impulsividade, ideação fantasiosa e tendências autodestrutivas. Esses distúrbios emocionais se agravam quando essas crianças se agrupam com outras, portadoras de comportamentos semelhantes.

Estima-se que 2% dos meninos e menos de 1% das meninas apresentem essas características. É importante ressaltar que a maioria das crianças violentas deixam de sê-lo na adolescência. No caso dos adultos mais agressivos, porém, as raízes do comportamento antissocial costumam já estar presentes na infância, sugerindo que a agressividade seja um fenômeno bastante estável no decorrer da vida.

O grupo de R. Tremblay, da Universidade de Montreal, vem acompanhando mil meninos canadenses a partir dos 6 anos de idade, desde 1984. A maioria dos que eram fisicamente violentos na infância abandonou esse comportamento ao redor dos 12 anos, mas em 4% a agressividade se tornou crônica. Tremblay identificou dois fatores de risco nesse grupo: as mães dos meninos eram menos instruídas e tiveram seus filhos numa idade mais precoce. Teoricamente, seriam mães menos preparadas para educar crianças problemáticas.

Entre os traços associados ao comportamento violento das crianças está a falta de empatia, isto é, a dificuldade de colocar-se no papel do outro. Um dos exemplos é a crueldade com os animais, uma das primeiras manifestações dessa incapacidade.

Estudos conduzidos por D. Rowe, na Universidade do Arizona, mostram que crianças com QI abaixo da média, também apresentam risco mais alto de se tornarem adultos violentos.

O grupo de A. Raine, que acompanha cerca de 1800 crianças das ilhas Maurício, publicou um trabalho demonstrando que as crianças com baixa frequência cardíaca aos três anos de idade tinham maior probabilidade de serem fisicamente agressivas aos onze. Em outros estudos, os mesmos autores mostraram que meninos com ondas cerebrais mais lentas e condutância cutânea mais baixa (uma medida da sudorese através da pele) tinham maior probabilidade de acabar na prisão, anos depois.

Os autores desconfiam que esses parâmetros sejam simples indicadores de um sistema nervoso central mais desregulado. Nesses casos, quando o estresse é mantido, os circuitos de neurônios envolvidos no controle da agressividade ficariam sobrecarregados e entrariam em colapso.

(...)

<http://drauziovarella.com.br/drauzio/raizes-organicas-e-sociais-da-violencia-urbana/>

ATIVIDADE DE LEITURA

[TRECHO REMOVIDO]

ATIVIDADE DE USO DA LÍNGUA

QUESTÃO 6

O autor do artigo usa várias citações de fontes no seu texto. Comente como essas citações contribuem na argumentação no artigo científico.

Habilidade trabalhada: Reconhecer os recursos linguísticos de escolha vocabular citação de fontes como tipos de argumentos, para artigo científico.

Resposta comentada: Pela leitura atenta e encaminhada pelo professor, o aluno deverá perceber que as citações de fontes reconhecidas, como a Revista Science e pesquisadores das Universidades de Montreal e do Arizona,

dão credibilidade e peso ao artigo, pois não se trata de uma opinião qualquer, de uma pessoa sem conhecimento no assunto. Trata-se, na verdade, de embasamentos científicos de estudiosos na área. Ao citar esses estudos, o autor reforça a sua tese com argumentos convincentes.

[TRECHO REMOVIDO]

Palavras-chave: Artigo de divulgação científica – citação de fontes – tipos de argumentos

Referências Bibliográficas

ALUÍSIO, Azevedo. *O cortiço; Casa de pensão*. São Paulo: Scipione, 1995.

<http://drauzioarella.com.br/drauzio/raizes-organicas-e-sociais-da-violencia-urbana/> (acessado em 26/05/2013)

REGISTRO DOS RESULTADOS PEDAGÓGICOS

O resultado foi muito bom na aplicação do RA. Os alunos demonstraram interesse no livro *Casa de pensão*. Levei exemplares do livro para a sala de aula e alguns alunos folhearam e leram trechos. A turma ficou bem atenta e participou das discussões sobre comportamento humano, influência do meio, influência dos pais. A discussão foi bem agradável. Quanto às notas, percebi que os alunos continuam com dificuldades na elaboração de respostas discursivas. Foi preciso ajudá-los bastante. Mas o resultado foi positivo. A atenção da turma sempre foi boa, mas dessa vez percebi melhora por causa do assunto. Ainda estamos terminando o RA, mas vejo que os alunos estão bem participativos nas atividades.